

de terras incluzas nas confrontações, e demarcações asima declaradas na forma desta minha concessão feita primeiro a demarcação com a notificação dos vizinhos, como asima ordeno de que se fará termo nos L.^{as} das nottas para a todo tempo constar dos Limites desta Sesmaria na forma do Regimento; e será outro sy obrigado a mandar confirmar esta Sesmaria por S. Mag.^o pelo seu conselho ultramarino para o que lhe concedo o tempo de quatro annos que comessarão a correr da data desta Sesmaria que por firmeza de tudo lhe mandey passar por mim assignada e sellada com sello de minhas armas que se cumprirá inteiram.^{te} como nella se conthem registando-se nos Livros da Secretaria deste Governo, e nos mais a que tocar. Dada em V.^a Rica a 6 de Dezembro de 1737 Andre Teyx.^a da Costa que servio de Secretario do Gov.^o a ascrevi. Martinho de Mendoça de Pina e de Proença.

(Extrahidas do livro n.^o 42 de sesmarias, de 1733 a 1739).

FRAGMENTOS BIOGRAPHICOS

(POETAS MINEIROS NA FACULDADE DE S. PAULO)

I

Antonio Simplicio de Salles

Mineiro da gemma; nasceu na risonha cidade da Campanha, berço de tantos filhos illustres, a 15 de fevereiro de 1830. Seus paes—José Pedro Xavier de Salles e d. Angela Bernardina de Salles, muito pobres, eram alli muitissimo acatados por suas virtudes.

Nas *Ephemerides Mineiras* encontra-se um bem lançado estudo biographico sobre este illustre mineiro.

Com a devida venia do auctor, nosso presado amigo e parente sr. Com.^{de} Xavier da Veiga, para aqui transcrevemos alguns topicos interessantes sobre a personalidade de Antonio Simplicio de Salles.

« Madrugaram em Simplicio de Salles talentos excepcionaes, emoldurados por admiravel rectidão de character e peregrinos dotes de coração, que bem cedo o tornaram modelo para os adolescentes, como elle, justo orgulho de sua familia, esperança que, semelhando uma nova luz, despontava promissora para sua pequena terra natal.

Mingoavam-lhe, porém, recursos, e na Campanha não havia então, além das aulas primarias, senão o ensino publico de latim e francez.

Simplicio de Salles trabalhava como escrevente de cartorios e de advogados, afim de comprar livros e estudar consigo mesmo algumas materias preparatorias para a matricula em curso superior de sciencias, mira de suas intelligentes ambições. Para o conhecimento pratico da pronuncia ingleza, ia todos os dias pedir lição ao unico inglez residente na Campanha, preso na cadeia, e procurava-o invariavelmente muito cedo, porque só pela manhã o filho de Albion não se achava embriagado...

Em S. Paulo, para onde, vencendo varonilmente grandes difficuldades, conseguira transportar-se, em 1850, concluiu o curso preparatorio, alli se matriculando, no anno seguinte, na Faculdade Juridica,

Em todos os annos academicos sua applicação e extraordinarios talentos prepararam-lhe successivos e brilhantes triumphos. E não se limitavam seus estudos, conscienciosos e proficuos, aos diversos ramos de direito e de sciencias sociaes, professorados na Faculdade: aprendeu ainda o allemão e grego, profundou seus conhecimentos de historia e de litteratura, e collaborou activa e fulgidamente, em prosa e verso, nas *revistas* de seu tempo, ou na tribuna academica, como orador eleito, e sempre festejado de associações litterarias.

Poeta, philosopho, jurista, foi em tudo e sempre um grande pensador e um coração angelico.

Bacharelado-se em 1855, exerceu por algum tempo a advocacia na cidade de Caldas, sendo em setembro de 1856, eleito Deputado-supplemente á Assembléa Geral Legislativa pelo 12.º districto de Minas, e em 1857 nomeado secretario da policia da então provincia, cargo que acabava de ser creado.

Pouco tempo occupou esse logar; em novembro daquelle anno partiu com licença para o Rio de Janeiro, alli casando-se a 8 de dezembro seguinte e fallecendo vinte e oito dias depois, a 6 de janeiro de 1858, victima da febre amarella!

Outro mineiro não menos illustre e justamente pranteado, o general Couto de Magalhães, traçando o *perfil* de Simplicio de Salles, na *Revista Academica de S. Paulo* (fasciculo de agosto de 1859) assim se exprimia:

« Era de estatura regular, phisionomia doce e sympathica; se lhe puzessem uma toga sobre os hombros, era uma verdadeira figura de grego, tal qual nol-a representam suas estatuas...

Votando admiração a tudo que era grande, sua intelligencia voltou-se para a Grecia, e depois de ter admirado Hesiodo, Homero e Sophocles, nas traducções francezas e latinas, determinou estudar o grego, e, não obstante os variados trabalhos da vida de estudante, conseguiu possuir perfeitamente essa lingua.

— ...Sua intelligencia voltou-se para o Norte, e estudou com cuidado Ossian e a poesia primitiva da Escocia. — ...Existe em sua poesia uma energia selvagem, que recorda os poderosos accentos da musa de Byron.

... A historia e a philosophia eram suas sciencias predilectas.

... Seu gabinete de estudo no qual se encerrava dia e noite, era uma verdadeira officina de trabalhos ou melhor, um mystico altar onde, sacerdote do pensamento, queimava constantemente incenso, pelos longos dias de estudo e vigílias silenciosas das noites de meditação.

Nos *Perfis Academicos* assim se definiu aquelle mallogrado poeta:

« Vou tambem retratar-me; dispo-me desta mascara, e vou julgar-me, quel outro Rubens, com o auxilio de um espelho. Vou julgar-me

atravez de um prisma mui fiel como a consciencia, e vou reproduzir o que me ella diz ser.

« Tenho vinte e cinco annos, idade em que muita gente ja tem feito a sua reputação litteraria; estudo ha já mais de dezeseis annos e tenho consciencia de saber mui pouco em vista de tanto tempo.

« Amo a poesia e a litteratura com paixão; sinto que a comprehendendo e sou poeta mui mediocre; vejo-me constantemente excedido por outros que não empregam a quinquagessima parte do meu estudo.

« Amo a oratoria; tenho-a querido arrancar das lições de Blair e dos rhetoricos: quizera ser orador e só orador, e tenho dificuldades de expressão; tenho pouca consciencia do meu valor, e nunca voluntariamente tento fallar, quando os meus collegas audazmente atiram-me á questão, tenho um orgam fragil e rouquenho: tenho tudo quanto me pode assegurar que não serei jámais orador, e estudo ainda a oratoria, e amo-a. Amo a historia e nella tenho empregado muitos annos de minha vida: hoje, neste momento em que escrevo, não conservo senão a carcassa da historia, e alguns trechos imperfeitos da historia dos povos e da biographia dos heróes.

« Além destes estudos não tenho, senão conhecimento um pouco profundo da lingua latina, alguma tintura do grego, e conheço mais duas ou tres linguas vivas; alguma leitura de philosophia, que me satisfaz pouco, salvo o systema de Spinoza e de Pithagoras.

« Eis-me como estudante, e visto que devo falar com franqueza o que me diz a consciencia, ella me assegura que minha cabeça é mais illustrada do que a de alguns meus collegas; entretanto o acanhamento que se apossa de mim em publico sempre me impedirá de apparecer.

« Vejamos o meu coração: este orgam não o tróco pelo mais delicado que por ahi appareça.

O meu coração é elevado como uma Serra; e quando é embatido por grandes e nobres paixões, sinto immenso prazer em comparal-o com o dos mesquinhos que por ahi andam, mas este segredo é só meu, nunca desgosto os meus amigos manifestando-lhes esta nova especie de orgulho: — o da sensibilidade.

« Amo os homens como philantropo; amo a minha familia e por ella dou a vida; amo as mulheres; amo a virtude, com paixão; tenho ambição de lettras, de poderes, de brilho, mas sacrifico com prazer qualquer destas ambições para fazer a felicidade de minha familia. Tenho ambição de lettras, de poder, de brilho (na ordem em que as colloco) e o meu idéal é uma vida tranquilla cultivando as lettras pacificamente ao lado de uma mulher, no seio de minha familia, em uma habitação amena pelas flores e pelo azeite. E' o meu alvo; con-

seguido o qual morrerei tranquillo em meu retiro, e abandonarei a terra com saudades ! »

Para fecho destas notas, sirvo-me tambem das seguintes palavras de um distincto mineiro — o dr. Luiz Francisco da Veiga, escrevendo a proposito de Dutra e Mello :

«... elevado espirito simultaneamente cysne e aguia: cysne pela melancolia, pela candidez, pela brandura, pelas scismas contemplativas; aguia pela potencia soberana das azas, pela clarividencia de seu olhar prescrutador e lancinante, pelos arrobos soberbos de seus surtos inopinados ! » Assim fôra Simplicio de Salles.

Ode Nete de Setembro

Multos per freta non turbida integram
Spiret leniter annus Zephyrus celler
Portum invenias, cymba, et gurgitis
Effuge iram.

Æternum maneat, patria, cordibus,
Æternum teneat nominis et Deus
Curam pervigil ætatibus, semper que
Atterre hostem.

Diu America prospera littora
September pete, nobisque et annuus
Virtutem fer, ut vite per vias procul
Longeque simus,

Clemens numen adesto, bene patriam
Omni tempore nutu fave; non piger
Pollentes sine gaudere, et parens natos
Eripe damno.

Bello, Brazilia, fortis et hostium,
Almã pax potens, victor et gentium
Incedas (precor) suprema serenaque.
Accipe versum.

ANTONIO SIMPLICIO DE SALLES.

A seguinte poesia, da lavra de Simplicio de Salles, embora vassada em versos brancos, mostra bem alto o seu valor poetico, de subido quilate :

O Adeus de Hermann

Filhos felizes de mais ameno solo
Quereis nossas florestas ! Não vos bastam
Terras que avassalaes com vossas aguias,
Povos innumeros que no chão se prostram
Beijando-vos as plantas ! O oceano
Que no dorso de espumas respeitoso
Conduz vossos baixéis ! Infames, treds !
Falta-vos completar tantas victorias
Com as exuvias deste povo barbaro.
Que vive nos seus bosques satisfeito,
No meio destes lagos, sob a sombra
De nossas sacras arvores ! Gente barbara,
E que jámais travou d'armas sangrentas
Senão pr'a defender a liberdade !

Nasci para a Germania : se perces,
Outra patria não tenho ; além dos ares
Levado sobre o dorso das tormentas
Pousarei em os troncos destas arvores,
Feroz entoando o cantico de morte
Ao feliz vencedor — Adeus, Germania —,

.....
Olha da noite o astro amarelento...
Pallido, sombrio, o rosto pleno
Desliza pelo espaço. N'outro tempo
Era bello luar, quando este gladio,
Cançado de vencer, tinto no sangue
Do Romano feroz, vinha a teu lado
Depol-o : e buscava nos teus olhos
Socego ao peito meu êbrio de mortes.

Amanhan, quando a lua em pleno orbe
Apparecer no espaço, seu pallor
Allumiará dois corpos. Meu punhal,
Antes de extinguir-me o vital sopro,
Passará por teu peito. Sim, eu morro ;
Aos heróes Franks

Vou juntar-me
Com elles e contigo, sempre e sempre
Ao Romano movendo crua guerra.

Oh! tu não ficarás para ludibrio
Das barregans infames, que habitam
Essa espelunca horrivel

Antes mil vezes
Morre...

E com gesto furibundo,
Embebe-lhe no peito agudo ferro.

• Ouviu-se um gemido doloroso
 Após... silencio. A barbara belleza
 Nos braços varonis morreu do amante
 Dentre dentes
 Saliu-lhe frase amarga — imprecação,
 Anathema, talvez, ou juramento
 Com os pulsos cerrados para o céu
 Julgarás que quer a delirante
 Chamar a desafio os mesmos deuses.
 Cavou-lhe a sepultura juncto ao lago,
 Onde depez o corpo lnda formoso
 Da beldade germanica,
 Sem lettra ou inscripção que a recomende.

E si o céu é azul, em almas noites,
 Por saudoso luar, quando as florestas
 Se vêm retratar no anil das aguas,
 Reflecte-se tambem einzenta pedra
 No espelho da lyriaphia; e sobre a brisa
 Passa angelica fórma, semelhando
 Gestos femininos, envolvida
 Em um subtil vapor:
 E sobre a lagem
 Depõe ferro sangrento convidando
 As barbaras phalanges a combate.

A. Simplicio de Salles.

Além destas poesias, Simplicio de Salles deixou innumeradas nas revistas na Academia, principalmente nas paginas da *Revista Mensal*, e, entre outras, a intitulada « O cavallo de Mazeppa », citada pelo general Couto de Magalhães.

II

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA

Nasceu na cidade tradicional do Serro, berço fecundo de tantos filhos que, nas sciencias, nas lettras e nas artes têm honrado o Estado natal.

Vindo para S. Paulo, matriculou-se na Faculdade de Direito, e tomou o grau de bacharel em o anno de 1834.

Foi um dos fundadores da *Sociedade Philomatica*, redactor da sua revista, e um dos notaveis poetas academicos de seu tempo. Falle-

ceu no Estado natal pelo anno de 1855, depois de uma curta, mas proveitosa e notavel existencia. Como os meteoros, a sua passagem pela Via Láctea da existencia durou apenas um instante, jorrando, porém, no céu azul da historia mineira um rastro luminoso, dos astros.

Nas excellentes *Ephemerides Mineiras*, do illustrado director desta revista, no additamento á pagina 436 do IV vol., encontram-se as seguintes notas biographicas sobre este illustre filho de Minas e, com a devida venia, para aqui as transcrevo:

«ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA — nascido no Serro em 1811 ou 1812 e fallecido em 1855 na Diamantina. Graduou-se em direito na Faculdade de S. Paulo e foi advogado de nota no norte de Minas, distinguindo-se sobretudo na tribuna criminal. Teve renome tambem como poeta. Suas composições neste genero litterario zcham-se esparsas em jornaes antigos e algumas fazem parte do *Parnaso Brasileiro*, do conselheiro J. M. Pereira da Silva, e do *Florilegio da poesia brasileira*, de F. A. de Varnhagen. O dr. Sylvio Romero, transcrevendo na sua *Historia da litteratura brasileira* «A LYRA DO SABIA», que qualifica como a melhor das composições publicadas do poeta mineiro, diz que este revela-se «um lyrista de indole subjectiva e placida, que maneja bem o verso, sendo habil e delicado.

«Escassissimos os dados biographicos conhecidos sobre «Antonio Augusto de Queiroga». Era irmão do dr. João Salomé de Queiroga, a quem o illustrado director desta revista, nas suas bem confeccionadas *Ephemerides Mineiras*, ás pags. 281 a 283, do III vol. dedicou uma bem lançada e synthetica biographia, apreciando-o devidamente e justamente como poeta, que o fôra tambem. O dr. Sylvio Romero disse que si o dr. Salomé não foi um grande poeta — é um poeta apreciavel.

De Antonio Augusto de Queiroga conseguiu desentranhar dos empoados archivos da Bibliotheca da Faculdade, em um documento raro, as copias das poesias que se seguem, de sua lavra ardente.

A primeira daquellas produções, a intitulada *A vida do estudante* revela a veia comica do auctor, e uma tal ou qual similhaça com o versejar da modernissima escola dos nephelibatas, pela alliteração que apresenta no quarto verso das estrophes.

A segunda de suas poesias, intitulada *Ode* e, como a terceira *Elogio dramatico*, é moldada em versos brancos, sem, contudo, perderem ambas o rythmo sonóro da musica dos versos; no que está a maior difficuldade e o maior elogio dos poetas que versejarem naquelle metro, hoje inteiramente desusado.

I

A VIDA DO ESTUDANTE

Triste vida do estudante,
Vida triste e malfadada,
Que com a réles mezada
Passa miserias.

Esperando pelas férias,
A vêr se ganha dinheiro,
Passa o anno inteiro
Vida molna.

Que a fome bem nos ensina
A não soffrer palanfrorios;
E' viver n'um purgatorio,
Não ter comida.

Arrengo eu da vida,
Que nos faz tanto penar,
Sómente para alcançar
Um pergaminho.

Andarmos tanto caminho,
Té chegar a Paulicéa,
Ganhar linda tetéa
Borla encarnada! ...

Começa nossa massada
Por aturar veteranos,
Que nos tecem mil enganos,
E nos desfructam.

As horas sete se escutam
No triste sino tocar,
Que nos fazem levantar
Da quente cama.

A' pressa grita-se á ama
Que ponha agua no fogo;
E ella vem dizer logo:
«—Chá está na meza!»

Então de gravata teza,
Enflando o casacão,
No buxo damos co' o pão
Mal mastigado.

E vamos ao malfadado
Convento de São Francisco;
Ainda correndo o risco
Das caçadas.

Vem a feroz crueldade,
Da embirante Philosophia,
Rhetorica, e Geometria
Com que suamos.

Os sustos que então soffremos
De algum—R—levar,
Não se póde comparar
Com os de morrer.

Mas se chegamos a vêr,
Em livros para nós sagrados,
Que estamos approvados
Oh que impostura!

Em casa ninguem atura,
O modo porque contamos,
Que ao lente nós espichamos
Em um momento!

Tiramos conhecimento
Na magra Thesouraria,
E vamos á Academia
Matricular-nos.

Logo vamos sentar-nos,
Em bancos enumerados,
Matutos embatucados,
A ouvir cacaco.

Mas se nos mettem no caco
De premio ser estudante,
Revolvemos toda Estante
Sem fazer nada.

Depois de mal amassada,
A desfructavel lição,
Com uns cadernos na mão,
Vamos aos geraes.

Depois com alegres signaes,
Pergunta-se:—«Ha feriado?»
Responde um outro agastado:
—«Lá vem o lente...»

Entra-se então descontente,
Para a classe nunca vista;
Puxa o lente pela lista...
Oh que aperturas!

Por ora só conjecturas:
Suspensos todos ficamos,
Emquanto não escutamos:
—«Sr. fulano!

Maldito primeiro anno!
Maldito seja o teu ponto...
Mas que vá tudo em desconto
Dos meus peccados!...

S. Paulo—1843.

II

ODE

POR OCCASÃO DA EXECUÇÃO DO RÉO EM O DIA 24 DE MAIO DE 1843

Omnibus est ovis ardelitas, et amaf
pistas, et elementia.

CICERO

Eia, Musa, desçamos
A ensopar o pincel na côr do inferno!
O coração que é d'homem
Fuja de ouvir-me, trema de escutar-me...
São puro horror meus versos denegridos.

Ao som da surda grita,
Por entre a multidão espavorida
Vinha o réo ao patíbulo!
Cumpra-se a lei!—que fez t—menos pesou-lhe
Libertador punhal que vil cadeia...!

Que transportes que eu sinto!!
Tumultua-me o sangue pelas veias:
Meus olhos cobiçosos
Anhelando o spectaculo nefando
Empanam-se medrosos de encontral-o!

Eil-o que move os passos,
Um por um que o coração lh'os veda!
No seu rosto convulso
Pintada a morte com visagens feias
Aggrava, mais e mais, o horror do transe,

Que montão de phantasmas
Se ergue de toda parte ao desgraçado!
No funebre atahúde
Negreja a imagem do futuro ignoto,
Que no escuro dos tumulos se aplaina.

Um só momento apenas
Da Eternidade lhe separa o tempo!
No cimo do patíbulo
De atropelar-lhe a vida d'um momento
Sentada a morte está sorrindo anciosa...

Mas que força violenta
Do cadafalso me retira os olhos?
Que mais horrores faltam?
Que nova atrocidade para o quadro?
—Não vês t—lá tens o horrído carrasco!

Descae mão da segura
Sobresaltada de pavor a morte
Precipita-se em terra,
E de longe volvendo o rosto esqualido,
Encara o monstro, e pasma d'avistal-o!

Eu o vi sem turbar-se
Da victima infeliz galgando os hombros,
Com phrenesi não visto,
Aridos olhos, o semblante alegre
Contar suspiros, numerar-lhe as ancias...!

E's monstro mais que um tigre,
—Que a natureza não produz carrascos—
Esse peito de bronze
Essas ferrenhas asperas entranhas
Ai! só as pôde formar a mão dos homens!

A Musa horrorisada
Não pôde proseguir,—das mãos me arranca
A criminosa lyra;
E fazendo-a pedaços, fuge, e brada
Que finde aqui com lagrimas meu canto.

S. Paulo, maio, 1843.

III

ELOGIO DRAMATICO REPRESENTADO A 7 DE SETEMBRO DE 1831,
NO THEATRO ACADEMICO

Personagens — Genio Metropolitano.
Liberdade,
Brazil,
Genio da America.

Vista de bosque; o fando do theatro representando o Ypiranga.
1.^a suite

SCENA I

GENIO METROP. *Pensativo*

Não, não ha que temer; porque me aneliam
Os vãos esforços deste povo! — acaso
Os beneficios meus deslembraria!
Já se esqueceu que o braço poderoso
Que a prosperidade e a vida soube dar-lhe
Tambem sabe punir! Inerte, fraco,
Certo não quererá de novo expor-se
A's iras da vingança:— mas quem sabe!
Talvez tente de novo... impias idéas,
Que America escutou desses malvados,
Que em despeito ao throno, e seus direitos,
Dos céos em nome os ferros affando
Terão de um Rei depois tingir no sangue,
Vão penetrando o genio deste Povo,
Que já por vezes pretendeu rebelde
Sacudir da Mãe Patria o brando jugo.
Ingrato! quantos males lhe ha custado!
Quaes brutos — homens barbaros viviam
Nesses sombrios bosques embrenhados
Em perpetua traição, continua guerra,
Ceifando vidas de infelizes victimas,
Que encarniçados ávidos pasciam
Pelas garras da fome consumidos,
Por decreto talvez de um Deus elemente

Deparei (*) co'este povo — condeu-me,
Pungiram-me os seus males, dei-lhe os braços
E da *pasmada estupidez* (**) tirei-o.
Venturoso fazel-o era sómente,
Unico meu fanal, e tive em premio
Mau grado, ingratição, odio, e vingança.
Já contra mim se ergueu, — alevantando
Altanada cerviz: — baldei-lhe o esforço.
Mas agora turbado, e pensativo,
Novos crimes o ingrato inda medita.
Pois bem! quér leis de ferro, hade soffrel-as:
Hade em ferros gemer; eu parto, e em breve,
Com sangue, chorará seus crimes todos
Mas com pranto baldado. (*Vai a sair e entra o Genio da America*)

SCENA II

GENIO D'AMERICA:— Céos, quem vejo?!
GEN. METROP.:— Vai-te, genio perverso! inda pretendes
Com sacrilegas mãos nestes logares
Derramar o pestifero veneno
Que te escuma nos labios! — leva ao longe
Tuas maldades; que as escute o povo
D'ellas eivado, que aprendeu despeito
Dos reis á gratidão, de um Deus ao mando.
Debalde no Brazil...
GEN. D'AMER.:— Tudo é frustrado
O Brazil quer ser livre, hade ser livre:
Por mais tempo não pôde oppresso, escravo
Definhar nos grilhões da dependencia.
O Brazil é da America; estremece,
Genio estrangeiro, de escutar tal nome.
Ouve delle o decreto contra os males
Que a este povo recente has tu causado,
E' decreto dos céos, attende, e treme.
Hasteado o pendão da liberdade,
Vai-se ouvir nestes climas, nestas veigas
Da Independencia o brado...
GEN. METR.:— Basta: ó raiva!!
Não te quero escutar, fuge, arrogante,
E' decreto dos céos!!! Atroz blasphémia!
Se a ingratição prescreve, o céo detesto.
Mas ah! que digo! o céo! Elle que abriu-me

(*) Vê-se que o correcto literato mineiro empregava bem o verbo *deparar* no sentido intransitivo, autorizado por mestres da lingua como Garrett, Feij. Elysio e outros.

(**) Mais tarde, o saudoso dr. Aristides Lobo encontrou-o bestifendo...

Desconhecida a entrada destes climas,
 Foi p'ra que o imperio seu nelles fundasse,
 Tudo soffri — penel crueis fadigas,
 Um Deus que é justo não premeia esforços,
 E manda o bem feitor pagar de affrontas!
 Qual a prova d'amor, perverso, falla,
 Que ha mostrado o Brazil dessa Mãe Patria!
 GEN. D'AM.:— Só tormentos lhe deo, não póde amal-a; (*)
 Os beneficios seus que ostente embora:
 Uma prova sequer delles não tenho.
 Sim; que importa que os barbaros costumes
 Deste Povo infeliz, que era ditoso
 Antes de conhecer-te, em feias brenhas
 O forçassem viver, se era innocente,
 Se a sordida ambição, se horrendos,
 Que a humanidade infesam, se espantavam
 Da candida pureza destes bosques?
 Tu chegaste, e contigo os crimes todos
 Prole fatal da depravada Europa.
 Era sómente o fim que projectaste
 Saciar a cobiça e sêde de ouro.
 E ousa invernar teus attentados
 Co'a vontade de um Deus? mas desse crime
 O céo tem de punir-te; e já vem perto
 O assignalado prazo da ruina
 De teu poder cruel!; verás...
 GEN. MET.:— Em breve
 Carregado de rigidas cadeias
 Esse Brazil rebelde hade provar-te,
 Se o meu poder vacilla; desespera
 De aqui vingar idéas, que proclamas:
 Tu mesmo treme, que aggravada a Europa
 D'armas travando fortes invenciveis
 Talvez venha talar estas campinas.
 E a rude gente deste mundo ingrato.
 Eu parto a dar o exemplo de vingança,
 De castigo exemplar, segui-me, ó fúrias,
 Meu braço roborai. (Silho).
 GEN. D'AM.:— Mais vergonhosa
 Assim prepara a merecida quêda.
 Vais cavar de mão propria o abysmo horrendo,
 Que te deve sumir. As vis cadeias
 Forjadas por teu mando bem depressa
 Em mil pedaços o Brazil quebrando

(*) Ah! nunca mais me lembre o Deuro;
 Vá, que a mim saudados não m'as deixa
 Só tormentos me deu, não posso amal-o.

(Ganzer — Freguesato).

Sobre o duro oppressor hade arrojál-as.
 Arrogante e cruel como se ausenta!
 E consentis, ó céos, que gema oppressa
 A innocencia, a virtude, e exulte o crime!
 America infeliz! mas não; deixemos
 Essas tristes imagens que afadigam;
 Que o coração presago me annuncia
 Certa a victoria e o coração não mente.
 Raia dia feliz! Mas oiço estrepito
 De estridulos grillhões que perto rangem:
 Qual infelice geme! O' magoa! E' elle,
 Desgraçado Brazil. (Entra o Brazil agrilhado).

SCENA III

GEN. D'AM.:— Que horror de morte
 Te empallidece o rosto descahido!
 Esse duro oppressor, genio tyranno
 Afogueada em chammas de vingança,
 Qual novo flo de crueis pezares
 Para teu peito urdiu?
 BRAZIL:— Não vês meus ferros?
 Tu, Genio tutelar, tu que presides
 Da America aos destinos, porventura
 Desconheces a negra horrivel téa
 De amarguras, e dôr que a Europa urdira
 Para nos flagellar! O' quantos males
 Poupado houvereis, céos, se nunca aos olhos
 Do aventureiro audaz descortinassels
 A America infeliz! Por que no abysmo
 Das revoltadas ondas não sumiste,
 O' Náu, prole do averno, horrendo nuncio
 Das desventuras nossas! — Foi que o Oceano
 Medroso de tragar tantas maldades
 Curvou treme as vagas alterosas
 Ante o pezo da quilha empeçonhada;
 Facil deslisa pelas lisas aguas,
 O mar te engeita, e te arremessa á terra,
 E da terra, infeliz, singraste ao porto.
 Eu dormia nos braços da innocencia,
 Perturbado acordei; — co'a vista incerta
 Percorro as varzeas minhas socogadas:
 Era tudo mudado: — o ar tão puro
 Que respirava livre nos meus bosques
 Em pestilente brisa converteu-se.
 Pavorosos vergando antigos cedros
 Nos virgens mattos vi; no leito undoso
 O soberbo Amazonas recostado
 Já não rolava a lobrega corrente

Impetuoso, altivo; — humilde ás aguas,
 Ia quebrando em sons tão magoados,
 Como os vagidos do infeliz que geme
 Em uma solidão desamparado
 A descarnada morte embravecida
 Torcendo esgares feios acenou-me
 Com terríveis angustias, céos, ó crime;
 Tudo mudou-se no fatal momento,
 Em que por entre os sons do bronze rouco
 Europa! Europa! retumbou na America.
 Salvai-me, exclamo, ó diva Liberdade,
 De tanto mal, que assoma; — foi baldado,
 Que ao ver a escravidão, trajando as alvas
 Roupas, e o airoso vôo alevantando
 Ou nos céos se escondéra, ou n'outros climas.
 — Eil-os os monstros, que a cobiça inspira
 Promptos acodem, chegam, me avassalam,
 Rasgam-me o sólo meu, sedentos d'ouiro,
 Tentando abysmos de escavados sérros,
 Sangram as veias aos metaes, — e esgotam
 Quanta riqueza me escondeu no seio
 A prodiga natura: — e em paga-ferros,
 Mortes, incendios, os crueis me deram:
 Já tentei sacudir o duro jugo,
 Mas que vale a razão se a força impéra!
 A raiva exacerbei do meu tyranno,
 Que em mais fortes cadeias arrojou-me—,
 Para o Gen. d'Am.) O' tu, consolador, fiel aurspice
 Das vontades de um Deus os meus tormentos
 Quando terão fim?

GEN. D'AM. *fortemente*:— Céos! hoje mesmo!
 Ah! rompe, aurora, e traze já contigo
 O merecido premio da virtude
 Que gema na oppressão, Brazil, conforto!
 Não longe estás do prazo, em que estes ferros
 Vai teu pulso quebrar....

BRAZIL:— O' céos, que escuto!
 Que viva luz me espanca a negra nuvem
 Que minha alma abafava! E' pois verdade
 A inspiração que ha pouco ouvi tremendo!
 Não mentiu-me a visão!

GEN. D'AM.:— Como! Que viste!
 Que nume bemfeitor!

BRAZIL:— Ouve-me, ó Genio;
 Cortado de afflicções, curvado aos ferros,
 Sem ter quem me enchugasse o pranto amargo,
 Na solidão do monte acostumei-me
 Sósinho a lastimar minhas desgraças;
 Mas hoje mais que nunca a fio as lagrimas
 Me corriam dos olhos; mais tristonhos

Eu juntava meus ais aos longos plios
 Das aves lamentosas; dôr, tristeza
 O peito me abafavam — « Deus, piedade!
 E' sobejo soffrer » disse e desmaiou,
 Não durou meu deliquio: — estrondo ingente
 Do lethargo arrancou-me; — acordo, — ó pasmo!
 O silencio da noute perturbavam
 Roucas rajadas de trovões horrendos;
 A terra estremeceu toda convulsa
 Com mugir pavoroso, — e eu vi das campas
 Dos filhos meus os manes resurgirem,
 Em som medonho claramente o brado:
 « — A' guerra! á guerra! — que a victoria é tua »
 Me trouxe a morta viração dos tumulos.
 Veio apoz do tumulto a paz serena;
 Aves trinaram canticos alegres
 E o coração no peito me pulava
 Aquecido com o fogo da esperança,
 Mas rapido luziu tão doce fogo
 E a viva luz, que a cerração cruzára,
 Mais escura tornou-me a densa treva
 Que o porvir me sumia. Agora, ó Genio,
 Dissipaste-me a névoa da incerteza
 E do meu pranto assignalaste o termo.
 Que hade brilhar enfim co'a já chegada
 Aurora deste dia.

GEN. D'AM.: Sim, não tarda
 Da INDEPENDENCIA o grito nestas margens,
 Ditasas margens do feliz Piranga (*)
 Tu hasde ver arrependendo as ondas
 Por mar em fóra rapido cortando
 Separar de uma vez a Europa escrava
 Da America liberta...

BRAZIL:— Chegue o instante
 Que almeja esta alma anciosa; mas quem guia
 Os passos para aqui! O' céos! fujamos
 E' meu duro oppressor... talvez...

GEN. D'AM.:— Que temes!
 Vacillar nesta empreza é só do crime;
 Não partirás daqui, — que venha o monstro,
 Serão livres teus pulsos... (*Começa a amanhecer entra Gen. Metr.*).

GEN. METR. *para o Brazil*:— Tenta agora
 Esses grilhões quebrar, nunca mais delles
 Tu liberto serás. (*Para Gen. d'Am.*) E tu, blásfemo,
 Que ousaste ha pouco predizer a queda
 Do firme imperio meu — olha, conhece
 Se o meu poder vacilla...

(*) Por Ypiranga.

GEN. D'AM.:— So vacilla ?
 Não, não vacilla, já por terra o vejo.
 Não tem apoio a força que é sem freio.
 Onde o genio do mal, onde a justiça
 Com que em novas cadeias arrojaste
 Tua victima infeliz...

GEN. METR.:— Não te cumpre
 Examinar aqui se obro justiça.
(Enfurecido) Despotico senhor, mando, e assim quero,
 Que este escravo em prizões gema para sempre.
(Para o Brazil) Que feia ingratição ! Querer livrar-te
 Do brando jugo que te impuz suave,
 E pretendel-o, ó crime !...

BRAZIL:— Oh ! Deus ! ser livre,
 Ou pretendel-o ser é pois um crime !!!

GEN. METR.:— Arrogante ! que escuto ! inda te atreves
 A levantar a voz, ó raiva, ó furias !
 Que não possa inventar mais um tormento
 A punir tanto arrojio !

GEN. D'AM.:— O tempo é este :
 Eu não me engano, não, que importam furias !
 Quebra esses ferros já...

GEN. METR.:— Não ; nunca delles
 O teu poder conseguirá tirar-me
 Este malvado... *(Sabe a Liberdade repentinamente exclamando)*

SCENA IV

LIBERD.:— INDEPENDENCIA, OU MORTE

Já basta ! — assaz de escravidão soffreste,
 Desgraçado Brazil ; mas inda escravo !!
(Corre ao Brazil, tira-lhe as cadeias, e arrojando-as precipita-
damente em terra)

Assim despeito ás ordens de um tyranno,
 Assim, da Liberdade, o manto é forte.
(Para o Gen. Metr.) Exaspera-te, ó genio da maldade !
 Vês estes pulsos que peiaste um dia !
 Já livres vão travar da espada ingente,
 Que fere os homens quando pune os crimes ;
 Desapparece, e fogo, que a virtude
 Foragida daqui voltou commigo :
 Vai na Europa fartar-te de cruozas,
 E sabe que jamais força estrangeira
 Hade opprimir o Solo Americano.

GEN. METR.:— O' desesperação ! Brazil ingrato !
 O' raios ! Onde estaes que agora mesmo
 O crime não punis ! Mas suspendei-vos !

Entregue ás Impias garras desse monstro,
 Que se diz Liberdade, os males todos
 Sobre ti choverão ; tyranna guerra
 Lacerando-te as visceras malvadas
 Dissolará teus campos ; fera intriga
 Teus depravados filhos desunindo
 Hade apromptar-te a ultima ruina ;
(Forte) Segue-lhe as ordens que eu serei vingado ;
 Tu punido serás... *(Sabe precipitadamente)* .

LIBERDADE:— Nada receies:
 BRAZIL:— O' dia de prazer ! Eu já sou livre ! ! !
 Venturoso Piranga, tu me ouviste
 Primeiro o brado ingente — INDEPENDENCIA
 Nossas venturas no teu curso espalha ;
 Que as goze o Prata — que as conheça o mundo.
 Já não temos tyrannos ! Deus piedoso,
 Que os vergonhosos ferros nos quebraste,
 Afasta os males, que esse monstro agoura,
 E a liberdade America protego.
 S. Paulo, Setembro, 1833.

III

JOSÉ MARCIANO GOMES BAPTISTA

Era natural de Sabará, donde foi para S. Paulo com o duplo intento de tomar ordens sacras e formar-se em direito. E, de facto, no intervallo do quarto para o quinto anno de seu curso juridico, em 29 de Dezembro de 1833, recebeu elle a sagrada Ordem de Presbytero pela imposição das mãos do illustre e saudoso diocesano, D. Manoel de Andrade.

Depois de formado o P.^o José Marciano retirou-se de S. Paulo para Minas, onde se envolveu nas luctas politicas, pleiteando a sua candidatura a uma cadeira na então Assembléa Provincial.

E' certo, porém, que não foi eleito.

Ignoro se, depois que entrou para a vida publica, continuou a fazer versos.

Os que enfeixo no presente artigo foram sómente publicados na « Revista da Sociedade Philomatica », da Faculdade, onde, então, collaboravam os melhores poetas e prosadores da Academia.

O Padre dr. Gomes Baptista é já fallecido, mas ignora-se inteiramente a data de seu prematuro trespasse.

A poesia que dou abaixo, da lavra do Padre José Marciano Gomes Baptista, foi apresentada á Sociedade Philomatica, e por ella approvada.

Como se sabe, aquella sociedade era o verdadeiro Cenaculo, onde se reunia a mocidade academica daquelle tempo, que alli terçava armas nos jogos floreaes das lettras patrias, deixando, assim, documentos vivos de uma quadra de rejuvenescimento proveitoso para as lettras de então.

E a approvação da peça do Padre José Marciano, por aquelle gremio, é o melhor elogio que ainda hoje se lhe pôde fazer com justiça.

Eis a cópia textual da poesia :

Selvagem povo habita a terra inculta,
Que de Madagascar conserva o nome :
Aqui, nem campo de jasmim, de rosas,
Bordado de mimosa, e fresca relva,
Edificaram rustica choupana
Pastor e Nympha, a quem amor prendera,
Mais felizes fizera os dous amantes,
Se mais felicidade haver pudesse.
Nestes instantes de prazer tão puro
Ignorava a infeliz, que não mui longe
Estava de seu mal o dia infausto ;
Que a prenda, que trazia nas entranhas
Annuviado futuro lhe annuncia.
Sim : não tardou, que o fado carrancudo
Viesse perturbar a paz dourada
Daquelles sitios, dos lugares bellos,
Onde vivia amor, onde os prazeres.
Dessa terra cruel por sacro rito
Se adora, como Deus, Niang terrivel,
E em honra de Niang, por lei prefixa,
Alli se immola a tenra criancinha,
Quando em dia infeliz a lua é dada.
Que magua acerba, que terrivel pena
Vai tua alma rasgar, misera amante !...

Chega o dia fatal : o sol se esconde,

A natureza foge : em toda parte
Horror e confusão : oh ! neste dia,
Neste dia cruel, eis se avisinha
A hora em que ser mãe devia a Nympha
Que os campos alegrava. O quanto é meigo
O maternal sorriso ! O quanto é bello
Ver de uma mãe nos braços reclinado
Cópia fiel do esposo — amado filho !
Quanto é fero o momento, em que a fortuna
Dias de gloria muda em negros dias ?
Misera humanidade ! Oh ! como é rara
A duração do bem ! Este innocente,
Mimoso fructo de união tão doce

Victima deve ser, quem acalme as iras
De um Deus de raiva, de furor, de sangue !
Oh ! barbaro costume ! Oh ! Deus tyranno !
O tributo recebe, que te paga
Povo feroz, e deshumano, e cego.

A desditosa mãe, banhada em pranto,
Com duvidoso passo as margens busca,
Onde corre Niang. Beijando o filho,
Contra o peito o aperta, e compassiva
Nesta expressão sentida assim lhe fala :
« Tu choras, o meu filho ! oh ! não : não chores...
Se lagrimas valessem, quantas lagrimas
Eu derramára para salvar-te a vida !
Mas se a vida te poupo, quantos males
Tens a soffrer ! Do sol a chamma activa
Aos mais entes benigna, a ti funesta,
De seus jardins dourando os doces pomos,
Tua messe seccará : da terra embalde
O seio rasgarás : madrasta ingrata
Ha de só te offerecer mirradas flores...
Teu rosto macilento, os olhos fundos
Serão da feia morte imagem feia...
Que serie de tormentos ! quantos males...
Ah ! não consentirei, que as soffras... morre,
Morre, meu filho ! O Deus ! morrer meu filho !...
Eu mãe. . . Eu mesma algoz... Oh ! que combate
Minha alma dilacera ! A natureza
Brada de um lado, de outro lado a força
Da lei cruel, que o coração me opprime.
Cruel Niang, por que meu seio abriste !
Perdôa ao filho meu... Mas que ! eu tremo ! !
A ordem santa a execução retardo ! ?
Não : não mais se demore o sacrificio...
A natureza cede aos teus decretos,
Niang, já te obedeço : eis o meu filho. »
Diz, e arrojando o filho ás ondas... morre.

A segunda producção deste poeta, achada em documentos da bibliotheca da Faculdade de Direito, é o soneto dedicado á memoria de um dos grandes martyres da liberdade, na terra paulense, o dr. João Baptista Libero de Badaró, distincto medico e publicista, redactor d'« O Observador Constitucional. »

Por perseguições politicas, Badaró foi atrozmente assassinado por dous sicarios, ás dez horas da noite de 30 de Novembro de 1830, na

porta de sua casa, á rua que hoje relembra a sua memoria veneravel, na capital paulista,— a antiga rua de S. José —
Eis o

SONETO

A' morte do dr. João Baptista Badaró

Seja-te leve a terra, ó grande, ó justo!
Corajoso escriptor, da Patria esteio.
Outr'ora ella te viu, sem vil recelo,
Regar da Liberdade o tronco augusto.

P'rigos venceste, subjugaste o susto,
Ao Despotismo audaz puzeste um freio
Viste de benções mil, de gloria cheio,
Triumphar a razão mas não sem custo.

Ah! se podem soar na Eternidade
Os tristes échos de maguado pranto,
Que em nós excita funeral saudade;

Attende lá do emprego sacrosanto
A' dôr pungente, á lugubre anciedade
Do Brazil, que, em perdeste, perdeu tanto!

IV

Joaquim Domingues de Lamedá

Nasceu em S. João d'El-Rey; presbytero secular da diocese de Marianna, professor do collegio Caraça, foi para S. Paulo estudar direito e encontrando vaga e em concurso a cadeira de substituto de Philosophia, do curso annexo, fez lhe opposição, sendo, afinal, preterido por seu antagonista. Mas nem por isso foi menos feliz em sua carreira, pois conseguiu matricular-se no 1.º anno e proseguir no curso academico, sempre estimado dos mestres e seus collegas. Era um espirito muito cultivado nas lettras e um orador sagrado dos mais distinctos.

Formou-se em 1844, seguindo depois para a cidade de S. Luiz do Parahytinga, em S. Paulo, onde fundou e dirigiu um collegio, que grangeou bons creditos

Falleceu naquella cidade, aos 19 de Junho de 1850.

Deste poeta, não me foi dado encontrar outras poesias, senão o seguinte

MOTTE

« Existe sempre na gloria
O inventor do café ».

GLOSA

(Improviso)

Merece eterna memoria
O que altas virtudes tem,
E quem nos faz algum bem
« Existe sempre na gloria »
Nesta vida transitoria
Só nos vale humana fé:
Se me perguntam quem é
O heróe que mais respeito,
Lhes direi ser, sem defeito,
« O inventor do café ».

J. Domingues de Lamedá.

Em fragmentos que se seguirem, tentarei traçar, embora pallidamente, o perfil de outros poetas mineiros, dignos de serem tirados do injusto olvido em que cahiram.

S. Paulo, 29 — Janeiro — MDCCCC.

MANOEL VIOTTI,

Correspondente do Archivo Publico Mineiro.